



Ano 2 Nº 06 «««»»» JUNHO, 1998

IPÊ SAUDOSO

Despenha-se a luz,
e as colunas despertadas,
mesmo imóveis, bailam.

Octávio Paz (1914/1998), Mais Tarde:
de Lo Mejor de Octávio Paz
– El Fuego de Cada Día, 1989

Hora transparente:
vemos, do invisível pássaro,
a cor de seu canto.

Octávio Paz (1914/1998), Pleno Sol, idem

ROSA SAUDOSA

Só senti a luz da vida,
com mais calor e mais brilho,
quando tu deste, querida,
a luz da vida ao meu filho!

Anis Murad (1904/1962),
de Ecos do Silêncio, 1996

O Anis sempre dizia:
Maria – me deu a luz;
minha mulher é Maria;
Maria – Mãe de Jesus!

Jorge Murad (1910/1998),
de Ecos do Silêncio, 1996

– Eu faço graça – de graça...
– Que desgraça! – diz o mano...
– Não sei porque que é desgraça!
Ser engraçado é hu...mano!

Anis Murad, idem

Eu amo a vida, querida,
com todo o mal que ela tem,
só pelo bem que há na vida
de se poder querer bem.

Anis Murad, idem

Guarda esse pranto, sê forte,
foi pra morrer que nasci.
Ou tens ciúme da morte
que quer levar-me de ti?

Anis Murad, idem

A vida é lindo presente
que a gente ganha ao nascer,
mas, sem querer, de repente,
nós temos que devolver...

Jorge Murad (1910/1998), Boletim UBT/SP 239, 05.98

Este pinta o rosto.
Faz rir. Aquele a sorrir
maquia o desgosto...

Cyro Armando Catta Preta, Palhaços: de Frestas, 1996

Foram-se embora meus amigos
Joubert, Jeová, Geraldo, Paulo...
Onde andarão vocês agora?
A turma toda foi-se embora.

Padeço por querer-lhes bem.
A turma toda foi-se embora:
Joubert, Jeová, Geraldo, Paulo
e, por último, João Moulin.

Foi cada qual por seu caminho.
(Padeço por querer-lhes bem...)
foram-se todos e, por último,
por último foi-se o Moulin.

Nosso Senhor, Nossa Senhora,
olhai por esses camaradas...
A turma toda foi-se embora
e a todos quero muito bem.
Nosso Senhor, Nossa Senhora,
olhai por todos nós, amém!

Athayr Cagnin, Poema aos amigos que se foram:
de Seixo Rolado, 1982

Quando o homem tem carinho,
casa, filhos e mulher,
arranja sempre um cantinho,
cheio dos sonhos que quer.

Das flores, sente o perfume,
à sua volta vê a beleza,
que o afasta do negreume,
da fugilgem da tristeza.
São belos momentos raros,
que ele deve cultivar,
em espaços também caros,
de amor que o fazem sonhar

Elisa Mariana Cembraneli, Carinho:
de Mulas Aladas e Lobisomens, 1997

Assim viveu,
morreu assim:
do coração...

Cyro Armando Catta Preta, Vocação:
de Enigma/Estigma, 1982

Hay un lucero quieto,
un lucero sin párpados.
– Donde?
– Un lucero...
En el agua dormida
del estanque.

Un Lucero, Federico Garcia Lorca (1898/1936)

La mano de la brisa
acaricia la cara del espacio
una vez
y otra vez.

Las estrellas entornan
sus párpados azules
una vez
y otra vez.

Total, Garcia Lorca

Sopé de colina.
Sobrado em ruína, assombrado.
Saudade inquilina.

Cyro Armando Catta Preta, Colonial:
de Palhas do Tempo, 1993

Agora, sim! Vamos morrer reunidos,
tamarindo de minha desventura,
tu, com o envelhecimento da nervura
eu, com o envelhecimento dos tecidos!
Ah! Esta noite é a noite dos vencidos!
E a podridão, meu velho! E essa futura
ultra-fatalidade de ossatura,
a que nos acharemos reduzidos!

Não morrerão, porém, tuas sementes!
E assim, para o futuro, em diferentes
florestas, vales, selvas, glebas, trilhos,
na multiplicidade dos teus ramos,
pelo muito que em vida nos amamos,
depois da morte, inda teremos filhos!

Vozes da Morte, Augusto de Carvalho
Rodrigues dos Anjos (1884/1914)



**Kigos para os três haicais a serem entregues
até o dia 10.07.98:
Dia dos Namorados, Fogueira, Morango.**

Até o dia 10.08.98:
Dia do Trovador, Pitanga, Praia de Inverno.

Fazer um haicai é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o kigo (focalizamos), sentimos o que estamos vendo (fotografamos ou filmamos) e escrevemos (revelamos), compondo assim um haicai com kidaí, ou seja, haicai com tema de estação, por conter, como assunto principal, o kigo. O haicai deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo (tema de estação), com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) em cada um dos respectivos três versos, com sutilezas que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

* Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 319, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher os três haicais de cada seleção, conforme seus respectivos kigos, em uma única ½ folha de papel carta ou ofício, escrever o nome e o endereço e assinar. * Entregá-la normalmente pelo correio, com nome e endereço do remetente, até o dia 10 do respectivo mês. Os haicais não precisam ter, necessariamente, cada um dos três kigos do mês, isto é, pode-se repetir ou não cada um deles nos três haicais, bem como usar sinônimos corretos.
2. Posteriormente o haicasta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. O haicasta se compromete a enviar numa folha, que será entregue até o último dia do mesmo mês, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicasta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por todo o dia 10 do mês seguinte.

O haicai leva-nos a perceber – com o corpo, a mente e o espírito – tudo o que acontece fora, dentro de nós e nossa emoção-resposta a tudo isso. Tal percepção conduz a sensações mais nítidas, vibrantes, com a mente livre, vazia. No “vazio” está o momento de “iluminação”. Vazio significa ausência de preconceitos (pré-conceitos). Não há no haicai o uso de adjetivação supérflua, conectivos, símbolos; trabalha-se com vibrações concretas, sensações reais. Sendo muito valorizado no haicai, o leitor tem um “espaço”, uma brecha no poema, para ser preenchido com total liberdade; as emoções não são impostas, não se transmite máximas, o haicai não é conceitual. O leitor é o co-autor do poema, que o re-descobre a cada momento que o lê – “o poeta acende a chispa e o leitor prossegue viagem”. (Clície Maria Angélica Pontes)

El buey
cierra sus ojos
lentamente...
Calor de establo.

Este es el preludio
de la noche.

Preludio, Garcia Lorca

Quando eu morrer, quero somente
ter uma campá toda em flor...
que haja um rosal sobrevivente,
que immortalize o meu amor...

Porque o meu último desejo
é que esse túmulo risonho,
tendo o silêncio para o beijo,
seja um recanto para o sonho...

Para que um dia uns namorados,
vendo esse ninho encantador,
entre os seus ramos perfumados,
venham falar do seu amor...

Essa é a homenagem mais querida,
essa é a ventura mais secreta,
que pode ter a alma florida
e apaixonada de um poeta...

E já que a morte não me assombra,
desludido sonhador,
basta-me apenas ser a sombra
abençoada de um amor...

Das recompensas gloriosas,
essa é a mais íntima e sincera:
o amor não vive, como as rosas,
um dia em cada primavera...

Tudo se acaba neste mundo...
a vida é apenas uma flor...
mas no infinito de um segundo,
o amar é sempre o eterno amor!

Sonho de um Dia de Primavera,
(Inédito para a Revista Cigarra).
Ao luar, em surdina. José Martins Fontes (1884/1937)

Prancha colorida.
Desce, sobte, até parece
brincando de vida.

Cyro Armando Catta Preta, Gangorra:
de Palhas do Tempo, 1993

Brinco
na orelha da mina
mina de ouro
que na orelha
espelha
o mundo
do mando
do sistema.

Antonio Aparecido de Almeida Júnior,
de C'Cretolirismo, 1989

Não adianta fazer strogonoff
pro bofe
e nem tampouco soufflé
pra você
melhor mesmo é feijão e arroz
mas que
possamos comer juntos
nós dois.
Alguns assuntos
pra nós
é muito mais sadio
se sério
um suprimindo o frio
do tédio
que a ausência do outro
causa...

Luiz Alberto Carlos, Um, Dois Amor e Arroz:
de C'Cretolirismo, 1989

Vigília teimosa.
Espinhos negros definham,
aguardando as rosas.

Cyro Armando Catta Preta, Roseira Morta:
de Palhas do Tempo, 1993

Copa de 98,
do século, a milenar!
Brasil ataca de novo
para o penta conquistar!

Marcelino Rodrigues de Pontes

Roseira teimosa.
Seja frio, calor, viceja
branqueando rosas...

Cyro Armando Catta Preta, Teimosia:
de Frestas, 1996

KIDAIAS DE INVERNO

Na geada o menor
implorando pelo pão
chora um cobertor.

Vento frio à tarde
mas na noite de São João
a quadrilha esquenta.

No meio da praça,
florido pé de camélia.
Tentação. Tiro uma.

Sinal vermelho
estranhamente cinza.
Fábricas paradas.

Ônibus que passa
deixando a fumaça escura.
Sinal de progresso?!...

No frio intenso
o agasalho do garoto:
braços cruzados.

Começo de tarde
passos rápidos não vencem
teimosa garoa.

Na rua deserta
a dança das folhas secas.
Um rodaminho.

A garoa escorre
pela vidraça do trem.
Despedida triste.

Cuidado menino!
não pise por onde a grama
eu plantei azuleas.

Casais com bebês,
na fila, à porta da clínica...
Inversão térmica!

Chegou frente fria!
O gado procura relva
verde dentre a seca.

Balões, bandeirinhas
e alegria da quadrilha.
Esquenta o arraial.

Sigo seus volteios
nos volteios da quadrilha...
e meus olhos bailam!

Jeca chega em casa
com os calos latejando.
Maldita quadrilha!

Rolando no chão,
restou esta folha seca.
O trem já partiu.

Nariz entupido...
– Cidade fumaça invade,
que inverno poluído!

Geada da noite
vestiu de noiva a manhã
do meu Paraná.

Árvore desnudadas
com a mudança da estação;
folhas secas no chão.

Rojão, mais rojão:
não só da festa junina;
mas, também do jogo.

Vem caindo a geada.
Tetos, solos, de cor branca.
Tudo congelado!

Arde a fogueira.
A quadrilha se empolga.
Viva São João!...

São Paulo, a garoa,
a companheira de outora,
virou poluição!

Um colar de gotas
a geada pôs entre os galhos.
Aranha e manhá.

Chaminés das fábricas
poluindo as cercanias...
Cocceira nos olhos.

Dança, meneando,
gostosa, macia neve,
e cai sobre nós.

O ar está chorando
poluição em cascata
quero ir para o campo.

Saudade da roça...
Nesta cidade gigante,
que poluição!

Nesta manhã fria
ouço o bater do martelo
quebrando incertezas.

Mal vejo as estrelas.
Piscam brisas no borralho
do céu poluído.

KIDAIAS DE INVERNO

Caindo a geada,
vai queimando o capim verde,
destruindo tudo.

...E esta fogueira
eu a deixo para o cão
que guarda esta noite.

Sobre o mata-douro,
urubus volteiam em círculo.
Ciranda macabra.

Fria alegre noite
quadrilha avança ruidosa
no estalar de fogos...

Cobrinco a anciã,
caminha na multidão
um gorro de lã.

Sobre os cabelos
camada brilhante.
Garoa fina.

Homens e urubus
repartem sobras e odores
o mar presencia.

Tapete branquinho.
Movimentos congelados,
gerada no campo.

Camélia no pé,
desfalçada na chuva.
Beleza acabou.

Asilo de velhos...
Bela, animada quadrilha...
A volta no tempo!...

Faina vira festa
no terreno enlaçado.
Tempo de quadrilha.

Urubu revoa...
No mato, o corpo de um gato...
Jantar garantido.

Sobre o mata-douro,
urubus volteiam em círculo.
Ciranda macabra.

Fria alegre noite
quadrilha avança ruidosa
no estalar de fogos...

Cobrinco a anciã,
caminha na multidão
um gorro de lã.

Sobre os cabelos
camada brilhante.
Garoa fina.

Homens e urubus
repartem sobras e odores
o mar presencia.

Tapete branquinho.
Movimentos congelados,
gerada no campo.

Camélia no pé,
desfalçada na chuva.
Beleza acabou.

Asilo de velhos...
Bela, animada quadrilha...
A volta no tempo!...

Sobre a camélia,
a formiga esconde-se
entre várias pétalas.

Urubu revoa...
No mato, o corpo de um gato...
Jantar garantido.

Folha seca caindo.
Então, sopra gentil brisa
e a folhinha é pássaro!

Chapéu de palha
a trança comprida dança
pelas fogueiras.

Recatado pranto
no frio inverno molhado
por garoa triste...

A moça regando
rubra camélia na estufa
– belezas perfeitas!

Alegre quadrilha
acabado o casamento:
“caminho da roça”.

Parece neblina
tão grande a poluição
chora a menina.

Banquete festivo.
Sobre restos de animais,
bando de urubus.

Blecaute no bairro.
Sem luz e sem banho quente
– frente fria, fria...

– Excelente criatura! Dali não vem mal ao mundo. E honesto, ah! honesto como não existe outro – era o que todos diziam do João Pereira.

João Pereira trabalhava em repartição pública. Estivera a princípio num tabelionato, e depois no comércio como caixeiro do empório *Ao Imperador dos Gêneros*.

Deixou o empório por discordância com a técnica comercial do imperante, que toda se resumia no velhíssimo lema: gato por lebre. E deixou o cartório por não conseguir aumentar com extras o lucro legal do honradíssimo tabelião. Atinha-se ao regimento de custas, o ingênuo, como se aquilo fora a tábua da lei de Moisés, coisa sagrada.

Na repartição vegetava já de dez anos sem conseguir nunca mover passo à frente. Ninguém se empenhava por ele, e ele, por honestidade, não orgulho, era incapaz de recorrer aos expedientes com tanta eficácia empregados pelos colegas na luta pela promoção.

– Quero subir por merecimento, legalmente, ho-nes-ta-men-te! costumava dizer, provocando risinhos piedosos nos lábios dos que “sabem o que é a vida.”

João Pereira casara cedo, por amor – não compreendia outra forma de casamento – e já tinha duas filhas mocetonas. Como fossem sobremaneira curtos os seus vencimentos, a pequena família remediava-se com a renda complementar dos trabalhos caseiros. Dona Maricota fazia doces; as meninas faziam croché – e lá empurravam a pulso o carrinho da vida.

Viviam felizes. Felizes, sim! Nenhuma ambição os atormentava e o ser feliz reside mesmo na riqueza do que nessa discreta conformidade dos humildes.

– Haja saúde que vai tudo muito bem, era o moto de João Pereira e dos seus.

Mas veio um telegrama...

Nos lares humildes telegrama é acontecimento de monta, anunciador certo de desgraça. Quando o estafeta bate na porta e entrega o papelucho verde, os corações tumultuam violentos.

– Que será, santo Deus?

Não anunciava desgraça aquele. Um tio de João Pereira, residente no interior, convidava-o a servir de padrinho no casamento da filha.

Era distinção inesperada e Pereira, agradecido, foi. E muito naturalmente foi de segunda classe, porque nunca viajara de primeira, nem podia.

Bem recebido, apesar de sua roupa preta fora da moda, funcionou gravemente de testemunha, disse aos nubentes as chalaças do uso, comeu os doces da festa, beijou a afilhada e no dia seguinte se fez de volta.

Acompanharam-no à estação o tio e os noivos, amáveis e contentes; mas protestaram indignados ao vê-lo meter a maleta num carro de segunda.

– Não admitimos!... Tem que ir de primeira.

– Mas se já comprei o bilhete de volta...

– É o de menos, contraveio o tio. Mais vale um gosto do que quatro vinténs. Pago a diferença. Tinha graça!...

E comprou-lhe bilhete de primeira, sacudindo a cabeça:

– Este João...

João Honesto, assim forçado, pela primeira vez na vida embarcou em vagão de luxo, e o conforto do *Pullman*, mal o trem partiu, levou-o a meditar sobre as desigualdades humanas. A conclusão foi dolorosa. Verificou que é a pobreza o maior de todos os crimes, ou, pelo menos, o mais severa e implacavelmente punido.

Aqui, por exemplo, neste vagão dos ricos, refletia ele: poltronas de couro, boas molas nos *truck*, asseio meticuloso, janelas amplas, criado às ordens. Tudo pelo melhor. Já nos carros dos pobres é o reverso, demonstrando-se o propósito de castigar com requinte de crueldade o crime de pobreza dos que neles embarcam. Nada de molas nos *trucks* para que o rodar áspero, solavancado, faça padecer a carne humilde. Nos bancos de tábuas, tudo reto e anguloso, sem sequer um bofeio que favoreça o repouso das nádegas. Bancos feitos de tabuinhas estreitas, separadas entre si de modo a martirizar o corpo. O espaldar – uma tábua a prumo – vai só até meia altura, negando assim a esmolinha dum apoio à triste cabeça do “sentado”. Bancos, em suma, que parecem estudados pacientemente por grandes técnicos da judiaria com o fim de obter o mínimo de comodidades no máximo de possibilidades torturantes. As janelas sem vidraças, só de venezianas, dir-se-iam ajeitadas ao duplo fim de impedir o recreio da vista e canalizar para dentro todo o pó de fora. Nada de lavatórios: o pobre deve ser mantido na sujeira. Água para beber? Vá ter sede na casa do senhor seu sogro!

João sorriu. Veio-lhe à idéia lindo “melhoramento” escapo à sagacidade dos técnicos: encanar para dentro dos vagões de segunda a fumaça quente da locomotiva.

– Incrível não terem ainda pensado nisso!...

Lembrou-se depois dos teatros, e viu que eram a mesma coisa. As torrinas são construídas de jeito a manter bem viva na consciência do espectador a sua odiosa condição social.

– És pobre? Toma! Aguenta a dor de espinha do banco sem espaldar nos trens e nos teatros resigna-te a não ver nem ouvir o que vai no palco.

João Pereira ainda filosofava estas desconsoladoras filosofias, quando o trem chegou.

Desembarcaram todos – à rica, pacotes e malas por mãos de solícitos carregadores. Só ele conduzia a sua, pequenina mala barata de papelão a fingir couro.

Saiu. Na rua, porém...

– “*Diário P’ular, Platéia...*”

...lembrou-se dum jornal comprado em caminho e que deixara no carro. Não vale nada um jornal lido? Vale, sim, e tanto que Pereira voltou depressa a buscá-lo. Sempre é um bocado a mais de papel na casa. Ao penetrar no *Pullman* vaziu tropeçou num pacote largado no chão.

– Não sou eu só o esquecido! refletiu Pereira a sorrir, apanhando-o.

A curiosidade não é privilégio das mulheres. João apalçou o pacote, cheirou-o e por fim rasgou de leve um canto do invólucro.

– Dinheiro!

Era dinheiro, muito dinheiro, um pacotão de dinheiro!

Pereira sentiu um tremelique d’alma e corou. Se o vissem naquele momento, sozinho no carro, com o pacote a queimar-lhe as mãos... “Pega o larápio!” Esqueceu do jornal lido e partiu incontinenti à procura do chefe da estação.

– Dá licença?

O chefe interrompeu o que fazia e olhou-o com displicência.

– Encontrei num carro do expresso este pacote de dinheiro.

À mágica voz de dinheiro o chefe perfilou-se e, arregalando os olhos num dos bons assombros da sua vida, exclamou pateticamente:

– Dinheiro?!...

– Deixe ver, deixe ver...

João depôs sobre a mesa o pacote. Com os olhos erguidos para a testa, o chefe desfez o amarrilho,

desembrulhou o bolo e assombrado viu que era na verdade dinheiro, muito dinheiro, um dinheirão!

Contou-o, com dedos comovidos.

Pasmou. Encarou a fito o homem sobrenatural.

– Trezentos e sessenta contos!

Piscou. Abriu a boca. Depois, erguendo-se, disse em tom sincero, espichando-lhe a mão:

– Quero ter a honra de apertar a mão do homem mais honesto que ainda topei na vida. O senhor é a própria honestidade sob forma humana. Toque!

João apertou-lha humildemente, e também a de outros auxiliares que se haviam aproximado.

– O seu caso, continuou o chefe, marcará época. Há trinta anos que sirvo nesta companhia e nunca tive conhecimento de coisa idêntica. Dinheiro perdido é dinheiro sumido. Só não é assim quando o encontra um... como é o seu nome?

– João Pereira, para o servir.

– Um João Pereira, o Honrado. Toque de novo!

João saiu nadando em delícias. A virtude tem suas recompensas, deixem falar, e a consciência dum ato como aquele cria n’alma inefável estado de êxtase. João sentia-se muito mais feliz do que se tivera no bolso, suas para sempre, aquelas três centenas de contos.

Em casa narrou o fato à mulher, minuciosamente, sem todavia indicar o **quantum** achado.

– Fez muito bem, aprovou a esposa. Pobres, mas honrados. Um nome limpo vale mais do que um saco de dinheiro. Eu sempre o digo às meninas e puxo o exemplo deste nosso vizinho da esquerda, que está rico, mas sujo como um porco.

João abraçou-a comovido e tudo teria ficado por ali se o demônio não viesse espicaçar a curiosidade da honrada mulher. D. Maricota, depois do abraço, interpelou-o:

– Mas quanto havia no pacote?

– Trezentos e sessenta contos.

A mulher piscou seis vezes, como se jogada de areia nos olhos.

– Quan... quan... quanto?

– Tre-zen-tos e ses-sen-ta!

Dona Maricota continuou a piscar por vários segundos. Em seguida arregalou os olhos e abriu a boca. A palavra dinheiro nunca lhe sugerira a idéia de contos.

Pobre que era, dinheiro significava-lhe cem, duzentos, no máximo quinhentos mil réis. Ao ouvir a história do pacote imaginou logo que se trataria aí duns centos de mil réis apenas. Quando, porém, soube que a soma atingia a vertigem de trezentos e sessenta contos, sofreu o maior abalo de sua existência. Esteve uns momentos estarrecida, com as idéias fora do lugar. Depois, voltando a si de salto, avançou para o marido num acesso de cólera histórica, agarrou-o pelo colarinho, sacudiu-o nervosamente.

– Idiota! Trezentos e sessenta contos não se entregam nem à mão de Deus Padre! Idiota! Idiota! Idiooooooooo...

E caiu numa cadeira, tomada de choro convulso.

João pasmou. Seria possível que morasse tantos anos com aquela criatura e ainda lhe não conhecesse a alma a fundo? Tentou explicar-lhe que seria absurdo variar de proceder só porque variava a quantia; que tanto é ladrão quem furta um conto como quem furta mil; que a moral...

Mas a mulher o interrompeu com outra série de “idiotas” esganiçados, histéricos, e retirou-se para o quarto, descabelando-se, louca de desespero.

As filhas estavam na rua; quando voltaram e souberam do caso, puseram-se incontinente do lado da mãe, furiosíssimas contra a *tal honestidade* que lhes roubava uma fortuna.

– Você, papai...

João quis impor a sua autoridade paterna. Ralhou, e fê-las ver quão indecoroso era pensarem de semelhante maneira. Foi pior. As meninas riram-se, escarninhas, e deram de suspirar com o pensamento posto na vida de regalos que teriam se o pai possuísse melhor cabeça.

– Automóvel, um bangalô em Higienópolis, meias de seda...

– ...com *baguettes*...

– ...chapéus de Mme. Lucille, vestido de tafetá...

– Tafetá? Seda *lamée*!...

– Meninas! esbravejou Pereira. Eu não admito!

Elas sorriram com ironia e retiraram-se da sala, murmurando com desprezo.

– Coitado! Até dá dó!

Aquele nunca imaginado desrespeito magoou-o ainda mais do que a repulsa da mulher. Pois quê?! Ter aquela recompensa uma vida inteira de sacrifícios norteados no culto severo da honra? Insultos da esposa, censura e sarcasmo das filhas? Teria, acaso, errado?

Verificou que sim. Errara num ponto. Devia ter entregue o dinheiro em segredo, de modo que ninguém viesse a ter notícia do incidente...

Os jornais do dia seguinte trouxeram notas sobre o grande acontecimento. Louvaram com calor aquele “gesto raro, nobilíssimo, denunciador das finas qualidades morais que alicerçam o caráter do nosso povo”.

A mulher leu a notícia em voz alta, por ocasião do almoço e como não houvesse sobremesa disse à filha:

– Leva, Candoca, leva este elogio ao armazém e vê se nos compra com ele meio quilo de marmelada...

João encarou-a com infinita tristeza. Não disse palavra. Largou o prato, ergueu-se, tomou o chapéu e saiu.

Na repartição consolou-se. Receberam-no com parabéns e louvores.

– O teu ato é daqueles que nobilitam a espécie humana, disse, dando-lhe a mão, um companheiro. Toque.

Pereira apertou-lha, mas já sem comoção nenhuma, preferindo no íntimo que não lhe falassem naquilo.

Estavam todos curiosos de saber como fora a coisa e rodaram-no.

– Conta por miúdo a história, João.

– Muito simples, respondeu ele com segura. Encontrei um pacote de dinheiro que não era meu e entreguei-o, aí está.

– Ao dono?

– Não. A um chefe, a um chefe lá...

– Muito bem, muito bem. Mas, escuta: não devias ter entregue o dinheiro antes de saber a quem pertencia.

– Perfeitamente, acudiu outro. Antes de saber a quem pertencia e antes que o dono reclamasse...

– ...e o provasse – pro-vas-se, entendes? que era dele! concluiu um terceiro.

João irritou-se.

– Mas que é que têm vocês com isso? Fiz o que a minha consciência ordenava e pronto! Não compreendo essa meia-honestidade que vocês preconizam, ora bolas! (conclui no próximo número)